



ÁGORA@  
ISSN - 2447-8377

REVISTA ACADÊMICA DE  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES



## **DIVERSIDADE NA ESCOLA: ESCOLA REFLEXIVA E A SUBJETIVIDADE DO PROFESSOR**

### **DIVERSITY IN SCHOOL: REFLECTIVE SCHOOL AND TEACHER SUBJECTIVITY**

**Elaide Aparecida Bertolucci Fernandes**

**Unifacvest**

**Ezequiel de Oliveira**

**<https://orcid.org/0000-0003-0646-7325>**

**DOI: 10.5281/zenodo.12709442**

#### **Resumo**

A diversidade na escola: escola reflexiva e a subjetividade do professor. O objetivo deste trabalho foi conhecer teoricamente sobre a diversidade na escola e as contribuições do movimento da escola reflexiva para a subjetividade do professor. A metodologia escolhida para realizar esse trabalho foi à revisão de literatura, que tem por objetivo fundamentar seu conhecimento em livros, artigos, dissertações e teses. Este tipo de pesquisa tem por finalidade oferecer ao pesquisador o contato com o material já produzido por outros autores em épocas diversas que respeitam o tema. De caráter qualitativo ela permite que os fenômenos possam ser mais bem compreendidos no contexto que ocorreu, permitindo o processo da análise em uma perspectiva integrada. De fato, a diversidade por muito tempo foi considerada algo que sempre fez com que alguns docentes até mesmo desistissem da profissão por ter em sua construção subjetiva uma experiência escolar tradicional e tecnicista, onde todos devem receber um tipo de conhecimento que não pode ser questionado ou muito menos criticado. Ao olhar para a ideia de uma escola reflexiva, pode-se entender que as ações do professor como educador também são modeladas por sua subjetividade.

**Palavras chave:** Diversidade. Escola Reflexiva. Subjetividade. Professor.



## Abstract

Diversity in school: reflective school and teacher subjectivity. The objective of this work was to theoretically understand diversity at school and the contributions of the reflective school movement to teacher subjectivity. The methodology chosen to carry out this work was literature review, which aims to base your knowledge on books, articles, dissertations and theses. This type of researcher aims to offer the researcher contact with material already produced by other authors at different times who respect the topic. Qualitative in nature, it allows phenomena to be better understood in the context that occurred, allowing the analysis process from an integrated perspective. In fact, adversity for a long time was considered something that always made some teachers even give up on the profession because their subjective construction was based on a traditional and technical school experience, where everyone must receive a type of knowledge that cannot be questioned or much less criticized. When looking at the idea of a reflective school, it can be understood that the teacher's actions as an educator are also shaped by their subjectivity.

**Keywords:** Diversity. Reflective School. Subjectivity. Teacher.

## 1 Introdução

Falar sobre a diversidade é fácil, mas lidar com essa situação na prática é um desafio para os professores no dia a dia na comunidade escolar. Repensar sobre a influência da diversidade na aprendizagem, coloca o docente diante de questões que estão ligadas ao processo e evolução da socialização do ser humano. Conhecer a proposta do Currículo Paulista e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é a possibilidade para refletir sobre como ensinar seu educando a aprender diante da realidade de seu capital cultural, ou seja, uma forma de educar mais humanizada e inclusiva. Essa é a chance de convidar o professor para repensar sua prática profissional e a contribuição e interferência dessas para a elaboração do currículo da escola em que trabalha.

Para tanto, chamar a atenção dos professores sobre a importância do movimento da escola reflexiva mais uma vez confirma a importância desse profissional estar atento e disposto para rever suas práticas pedagógicas. O mundo está em constantes transformações, por tanto, a profissão docente também mudou



e mais do que nunca, o professor deve estar aberto para lidar com a realidade da comunidade escolar que faz parte. Entende-se que abrir mão de práticas pedagógicas tradicionais pode ser um desafio, mas o professor tem sua rotina e atuação permeada de desafios, afinal, é por meio desse tipo de processo que esse profissional pode amadurecer seu desenvolvimento profissional.

O poder da educação está para a transformação da sociedade, para tanto, faz-se de suma importância o professor educador conhecer sobre sua subjetividade, para aprender a separar e lidar com as diferenças da comunidade escolar que atua. A Educação é um ato que pode transformar o ser humano. Dessa forma, estudar sobre as teorias que as influenciaram e a tornou a grande responsável por civilizar a sociedade é de suma importância. Afinal, a evolução da Educação influencia diretamente os resultados e consequências que afetam a consciência social na contemporaneidade.

O problema de pesquisa que direcionou este trabalho foi: o quanto a diversidade na escola e o movimento da escola reflexiva favorecem para a construção da subjetividade do professor? O objetivo deste trabalho foi conhecer teoricamente sobre a diversidade na escola e as contribuições do movimento da escola reflexiva para a subjetividade do professor. Os objetivos específicos deste estudo foram entender o que é diversidade na escola, compreender sobre o movimento da escola reflexiva e descrever a construção da subjetividade do professor.

A escolha por pesquisar este assunto se justificou por observações que aconteceram no estágio. Observou-se que o dia a dia na escola não é nada fácil. Todos os dias os professores enfrentam diversidades na escola que desafiam a própria subjetividade desses profissionais, uma vez que normalmente a realidade social da comunidade escolar é muito diferente da realidade do professor. Esse tipo de conhecimento pode favorecer a sociedade, pois promove reflexão sobre questões que permeiam a escola e que alguns nunca pararam para pensar sobre. A busca é chamar a atenção de professores para essa realidade que afeta sua atuação profissional prática.



A metodologia escolhida para realizar esse trabalho foi à revisão de literatura, que tem por objetivo fundamentar seu conhecimento em livros, artigos, dissertações e teses. Este tipo de pesquisa tem por finalidade oferecer ao pesquisador o contato com o material já produzido por outros autores em épocas diversas que respeitam o tema. De caráter qualitativo ela permite que os fenômenos possam ser mais bem compreendidos no contexto que ocorreu, permitindo o processo da análise em uma perspectiva integrada. Para realização deste estudo foram pesquisados 21 (vinte e um) trabalhos. Como critério de pesquisa foi feito um recorte de 1978 a 2023. Entre os sites pesquisados estão: google acadêmico; scielo; e banco de teses.

A estrutura deste artigo foi composta por introdução, o título do primeiro capítulo é a diversidade o caminho para realidade da escola, o segundo capítulo é a escola reflexiva, o terceiro capítulo foi à Educação e seu poder de transforma a subjetividade do professor e para finalizar a conclusão da discente sobre este assunto.

## **2. Diversidade o caminho para a realidade da escola**

A palavra diversidade significa a condição do que é diverso, diferente ou divergente. Dessa forma, quando esse assunto tange a Educação, isso se remete ao direito de todos os alunos a oportunidade de acesso e permanência na escola. Falar de diversidade nesse estudo é uma oportunidade para visualizar essas questões, não só para reconhecer as diferenças nas minorias, afinal, cada humano é um ser único que possui particularidades que devem ser respeitadas. Portanto, com a democratização da Educação e a conquista do direito das pessoas com deficiência, houve um aumento dessa clientela na escola pública, pessoas que outrora possuíam um histórico de exclusão por conta de suas diferenças. Essas conquistas consolidaram a ideia de que a Educação está voltada para todas as pessoas (SANTOS 2008).

Aceitar que os alunos são diferentes uns dos outros é fácil. Difícil é tratar educativamente essas diferenças e ajudar para que elas enriqueçam o processo de ensino-aprendizagem. Antes de tudo é



uma questão de posicionamento filosófico, ético e ideológico: até que ponto a equipe escolar está de acordo em aceitar que cada um dos alunos tem o direito a que o ensino se adapte o máximo possível a suas possibilidades e limitações? (ARAN, 2002, p.11).

Já o currículo é uma ferramenta utilizada para apresentar algo ou alguém que deseja oferecer ou contratar serviços. Dessa forma, o currículo se faz presente em uma das etapas mais importante do desenvolvimento humano, o trabalho. A escola é uma instituição que oferece e contrata serviços, tem colaboradores e clientes e deve ter seu currículo balizado pelos códigos de lei e resoluções inspirados na realidade do Estado e na região onde reside. Diante disso, o currículo escolar de determinada comunidade escolar deve conter o conjunto de aprendizagens que as instituições esperam que sejam oferecidas em determinado tempo e contexto para sua clientela (os alunos). Para Mello (2014):

Currículo é tudo aquilo que uma sociedade considera necessário que os alunos aprendam ao longo da sua escolaridade, como quase todos os temas educacionais, as decisões sobre um currículo envolve diferentes concepções de mundo, de sociedade e, principalmente, diferentes teorias sobre o que é o conhecimento, como é produzido e distribuído, qual o seu papel nos destinos humanos (MELLO, 2014. p. 1)

Portanto, entende-se que o currículo de uma escola deve ser balizado pela vertente centrada na aprendizagem e resultados “aquilo que o aluno é capaz de saber e de fazer” (MELLO, 2014. p. 2). Nessa vertente o currículo escolar é construído pelo conhecimento e reconstruído pelos alunos com suas diferenças culturais e individuais. Nessa perspectiva o conhecimento é visto como emancipador. O papel do professor nesse processo é de facilitador da reconstrução do conhecimento. Sua didática deve ser regida por atividades e vínculos afetivos que direcionem os alunos a sentir prazer na hora de aprender. Deve oferecer aos alunos a mobilização de intervir em situações de diferentes graus de complexidades. Ou seja, que o conhecimento oferecido pelo docente seja direcionado para a realidade dos alunos, para que todos possam desenvolver seus próprios currículos ou projetos de vida.



O currículo paulista da Educação infantil considera que o currículo escolar deve conter conteúdos, saberes, atitudes e visão de mundo. Esses são uns dos recursos que levam os alunos ao caminho da aprendizagem, que deve está orientado para a diversidade encontrada nas diferentes regiões do próprio Estado. Então é necessário que seja respeitado pelo professor o conhecimento produzido pela família, dos amigos e individuais. Afinal, é por meio das brincadeiras e atividades realizadas na Educação social das crianças que elas aprendem a se comunicar. É por meio da comunicação que a criança começa a refletir sobre o conhecimento produzido pela sociedade que é passado por meio dos contos, fatos, cantigas, histórias e músicas que vão preparar as crianças para lidar com a realidade da vida. “Este currículo quer traduzir as especificidades sociais, econômicas, regionais, culturais e históricas de cada um dos 645 municípios que compõem o estado de São Paulo” (CURRÍCULO PAULISTA, 2019. p.11).

O currículo paulista contempla as competências gerais descrita na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Que foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) que homologa os currículos e as orientações curriculares das redes de ensino público e privado do Estado. É direcionado para todos os profissionais de Educação que atuam em São Paulo. Seu objetivo é desenvolver práticas que conduzam a criança a competências, habilidades, atitudes e valores em sua perspectiva integral. Essas Competências são consideradas gerais e contemplam de forma integrada conceitos como: procedimentos, atitudes e valores que enfatizam as necessidades de tornar os alunos cidadãos (CURRÍCULO PAULISTA, 2019). No próximo capítulo foi discutido o papel da escola reflexiva.

### **3. A escola reflexiva**

Antes de falar em escola reflexiva ou professor reflexivo, precisa-se ter bem claro o conceito da palavra refletir. Segundo Mora (1078) refletir vem de abandonar a atenção do conteúdo intencional dos atos para se assegurar ou voltar com novas intenções sobre os próprios atos. Ou seja, todo ser humano tem a capacidade para pensar e refletir sobre a intenção de suas ações. A reflexão é uma ação que está totalmente ligada à investigação e a concretização de uma intenção. Esse ato



permite o ser humano tomar ações que podem ocasionar mudanças guiadas por uma nova percepção do problema. Refletir é um ato que leva o ser humano se descobrir, rever suas ações, tomar novos posicionamentos e atitudes (RODRIGUES, 2016).

Sabemos que a reflexão não é um processo mecânico, mas a capacidade de voltar-se sobre si mesmo, sobre as construções sociais, sobre as intenções, representações e estratégias de intervenções. Essa capacidade de reflexão supõe a inevitabilidade de utilizar o conhecimento à medida que vai sendo produzido para enriquecer e modificar a realidade, suas representações, as intenções e o processo de se conhecer (RODRIGUES, 2016. p. 9).

A escola reflexiva é aquela que une a teoria a prática, uma enriquece a outra, vê nos problemas motivos para o crescimento, pois sua busca é a aprendizagem, está construída por meio de pesquisa-ação, nela existem contribuições para mudanças e seus trabalhos estão focados em gerir suas próprias ações, estruturando seu diálogo na realidade da comunidade, pois a finalidade da escola reflexiva é a Educação dessa clientela, sua base está na formação de serviços, uma vez que a avaliação de suas práticas conduz a todos a aprendizagem, sua busca deve ser gerida por uma gestão reflexiva e democrática, que esteja aberta para atuar dessa forma com a comunidade escolar, ela deve ser balizada pelo processo de humanização e inclusão social, para assim, lidar com os diferentes capitais culturais que compõe a comunidade escolar (PEREIRA; ELY, 2006).

Na escola que está reflexiva os professores necessitam ter vários conhecimentos como os de conteúdos; disciplinar; curricular; dos alunos e suas características; dos contextos; dos fins educativos; de si e de sua atuação profissional (ALARCÃO, 2004). Para tanto, espera-se que um professor reflexivo tenha a consciência que sua atuação deve ser pautada sobre a realidade dos alunos com que vai trabalhar, uma vez que sua realidade cultural pode ser muito diferente da de sua clientela. Para que esse processo reflexivo comece acontecer, o professor deve abrir mão do que ele acha ou espera que seja importante para os educandos, para de fato, investigar qual o problema e passar a oferecer os



conteúdos educacionais direcionados para a resolução dos conflitos, de forma significativa na busca de favorecer a realidade da comunidade escolar que está inserido.

Dessa forma, a escola reflexiva se constrói por um projeto constituído de diagnóstico inicial, que dialoga com objetivos e resultados claros. Portanto, gerir essa escola é considerar a experiência, é observar, conceptuar, generalizar e experimentar na ação. É visualizar a escola como organismo vivo, que está em constante desenvolvimento e aprendizagem, é tornar os processos da escola integrados a sua clientela. Faz-se importante deixar claro que o foco da escola reflexiva não é somente no aluno, mas sim em todos os integrantes da comunidade escolar (PEREIRA; ELY, 2006).

Entretanto, falar sobre o ato de refletir para os professores que estão iniciando no mercado da docência é fácil, pois suas formações já estão inclinadas a estes saberes. O difícil é falar sobre reflexão das práticas profissionais com professores que foram educados pelo tradicionalismo e pelas doutrinas tecnicistas que balizaram a forma de educar dos séculos passados. Afinal, a ideia de um docente reflexivo está ligada a possibilidade de repensar sua própria prática profissional, isso é, avaliar os resultados de seu trabalho, rever seus métodos e suas relações afetivas com os discentes.

Por muito tempo, acreditou-se que as formações continuadas de professores eram os cursos responsáveis por ressignificarem as práticas pedagógicas tradicionais e tecnicistas, mas já ficou muito claro que o ato de refletir e rever suas práticas profissionais também parte da subjetividade, da personalidade e educação do professor. Dessa forma, entende-se que somente teorizar práticas pedagógicas inclusivas e humanizadas não é a única solução para que os professores ditos tradicionais passem a ressignificar suas atitudes profissionais. Afinal, refletir sobre as práticas profissionais deve ser um ato ético e moral para todo ser humano. Para que isso possa acontecer, essa vontade deve partir do profissional, “a prática pedagógica dos professores tem relação direta não só com sua formação, mas também com fatores internos e externos que constrói seu imaginário, suas concepções acerca do processo educativo” (DEUS; MENDES, 2011. p.142).



Durante muitos anos os professores foram usados como mão de obra para as formações de pessoas iguais em pensamentos (poucos pensamento!) e ações. Os programas curriculares, os livros didáticos, as legislações, os cursos de formações, muito contribuíram com esta perpetuação (PEREIRA; ELY, 2006).

Muitas vezes, alguns docentes persistem em práticas pedagógicas ultrapassadas por não saberem como fazer diferente. Mostrar como fazer, também é uma forma de ensinar, desde que o outro de fato esteja aberto para aprender. Por tanto, essas questões devem ser respeitadas por seus pares para que a relações democráticas possam ter espaço na educação da comunidade escolar. Logo, entende-se que a responsabilidade de tornar a escola reflexiva é toda do professor, isso não é um fato. Para a escola estar reflexiva, toda a comunidade precisa tomar essa atitude. Mas faz-se necessário lembrar que essa possibilidade pode partir da subjetividade do professor.

Cada ser humano tem sua história particular, estrutura biológica, social e cultural. Afinal, não há sociedade desprovida de cultura. A Educação escolar tem um papel fundamental para desempenhar a valorização de um mundo totalmente plural. Um lugar onde todos são aceitos independente da cultura, etnia, religião, gênero, condição econômica e identidade, questões importantes que devem ser respeitadas (ANDRADE, 2009). A escola deve auxiliar no ensinamento sobre o respeito às diferenças, pois é nesse contexto que a diversidade contribui para evolução da sociedade (RAMALHO, 2015). “Se o estereótipo e o preconceito estão no campo das ideias, a discriminação está no campo das ações, ou seja, a atitude” (CARREIRA, 2009, p. 27). É por meio desse ato que alguns profissionais acabam negando oportunidades, acesso e humanidade. Faz-se importante deixar claro que a omissão e a invisibilidade também se constituem como discriminação.

#### **4 A Educação e seu poder de transformação na subjetividade do professor**

As Ciências da Educação surgiram pela necessidade de conhecer os processos evolutivos que resultaram no surgimento da espécie humana e das invenções da cultura na transformação do sujeito como ser humano, ou seja, da



hominização para humanização. Já a aculturação é o processo responsável pela inserção do ser humano a idade adulta. O aprendizado da aculturação está na relação com o trabalho e seu desenvolvimento, não somente na força de sua produção, mas nas relações sociais que se organiza em torno dela. Dessa forma, não tem como entender a trajetória histórica dos processos educativos sem compreendê-los como parte dos processos de produção da cultura. A educação é responsável pela produção e estrutura das determinações econômicas e sociais da sociedade e de suas classes. Seu conhecimento trabalha as crenças, valores e verdades (MELO, 2012).

Entretanto, a Educação foi ampliada nos últimos anos no Brasil. No entanto, existem algumas lacunas que necessitam de correções para melhorar sua qualidade. Segundo Bastos (2017), o reflexo negativo de uma educação mal sucedida sinaliza uma série de problemas que vão impactar a formação de indivíduos os tornando menos cultos e menos educados. Por isso, se faz importante aumentar o discurso sobre ela focado em sua didaticidade.

No artigo 205 da Constituição Federal de 1988 afirma que a Educação é direito de todos e deve ser oferecida pelo estado, família e sociedade. Esse documento confirma que a Educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa humana a preparando para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. No artigo 206 descreve que o ensino seja ministrado com base nos princípios: da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; o pluralismo de ideia e de concepção pedagógicas, coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; valorização dos profissionais da educação escolar que estão garantidos em forma de lei como o plano de carreira, o ingresso por concurso público de provas e títulos; a gestão democrática do ensino público; o piso salarial nacional para os profissionais da Educação pública; e garantia do direito a Educação e a aprendizagem ao longo da vida (BRASIL, 1988).

A Lei de Diretrizes e Base (LDB) nº 9.394/96 estabelece que a Educação deve alcançar os processos formativos que se desenvolve na vida familiar, na



convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e na pesquisa, nos movimentos sociais e na organização da sociedade e seus manifestos culturais. A palavra transformação representa o ato que traz alteração no estado de um sistema. Alguns autores salientam que esse é o poder da Educação. Dessa forma, faz-se necessário conhecer algumas visões. Para Emediato (1978), a Educação é um instrumento que impulsiona a transformação social. Entre seus conceitos estão o processo de socialização, a conscientização, a aquisição e produção de conhecimento. Essas são noções que devem ser aplicada como ação social.

Para Paulo Freire o ponto mais importante na característica de um bom educador é o reconhecimento desse profissional em saber que cada ser humano tem sua individualidade, e por isso, todos precisam conviver em sociedade. O professor deve reconhecer que o aluno tem o direito de falar e de ser escutado, assim, também como o docente tem esse direito. Uma troca de conhecimento que pode favorecer essa relação entre o aluno e professor, por meio de um acordo (ALVES; ARRUDA, 2014). Para esse processo acontecer o professor deve conhecer melhor sobre sua subjetividade, pois ela se expressa em suas ações pedagógicas. A preocupação com os profissionais que atuam na área de desenvolvimento humano é um desafio no âmbito acadêmico, pois para além da instrumentalização seu desenvolvimento como sujeito no mundo constituiu sua subjetividade, nutrindo suas ações e relações pedagógicas (ROSSATO; MATOS e PAULA, 2018).

O conhecimento sobre o conceito de capital cultural de Bourdieu permite facilitar a análise da situação de classe na sociedade, ou seja, serve para caracterizar subculturas de classe e seus setores. Logo o capital cultural nada mais é do que a descrição da cultura do sujeito, como são seus gostos, estilos, valores, estrutura psíquica e etc. Mais que uma subcultura de classe, o capital cultural é tido como um recurso de poder que equivale e se destaca em duplo sentido, pois tem relevância especial de outros recursos como referências básicas, recursos econômicos e papel do sistema escolar na valorização da cultura dominante (SILVAS, 1995).



Um dos maiores desafios da escola é dar suporte para a formação de cidadãos críticos, conscientes e atuantes na sociedade. E esse ato exige do professor e da comunidade escolar uma doação por completo para o movimento ético e moral de desenvolver um ensino que procure atender a diversidade cultural da clientela, estimulá-la e dar significados a suas experiências, uma forma de oportunizar e produzir os saberes nos diferentes níveis de aprendizagens, ou seja, o papel do professor também é não esquecer que no decorrer de um processo histórico, diferenças foram produzidas e usadas como critério de inclusão e exclusão (RAMALHO, 2015).

### **Considerações Finais**

O problema de pesquisa que norteou este trabalho foi: o quanto a diversidade na escola e o movimento da escola reflexiva favorecem para a construção da subjetividade do professor? De fato, a diversidade por muito tempo foi considerada algo que sempre fez com que alguns docentes até mesmo desistissem da profissão por ter em sua construção subjetiva uma experiência escolar tradicional e tecnicista, onde todos devem receber um tipo de conhecimento que não pode ser questionado ou muito menos criticado.

O conhecimento levantado nos documentos e artigos acadêmicos pesquisados para a realização deste trabalho deixou claro que a proposta de Educação colocada pelo Currículo Paulista e o BNCC estão orientados para um olhar mais inclusivo e humanizado para as questões da diversidade que os alunos trazem para a sala de aula.

Ao olhar para a ideia de uma escola reflexiva, pode-se entender que as ações do professor como educador também são modeladas por sua subjetividade. Cada um deve saber qual é o seu lugar, todos são seres humanos e possuem diferentes formas e saberes. A escola reflexiva se mostra como atitude e movimento que afeta a sociedade, pois ela está balizada na real necessidade da comunidade. Mais estudos nessa área são de suma relevância para a evolução da sociedade.



## Referências

ANDRADE, M. (Org.). *A diferença que desafia a escola*. Quartet. 2009.

ALARCÃO, I. *Professores reflexivos numa escola reflexiva*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ALVES, L. G. S; ARRUDA, A. L. M. M. A educação de jovens e adultos como transformação social. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*. v. 5, n. 1, 2014.

ARAN, A. P. Introdução. In: SACRISTÁN, J. G.; ALCUDIA, R.; DEL CARMEN, M. et al. *Atenção à diversidade*. Artmed: Porto Alegre, 2002.

BASTOS, M. J. **Análise do Contexto da Educação Brasileira**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Rio de Janeiro v.14, n.1, 2017, p. 47-54.

CARRARA, S. et al (Org). Educação, diferença, diversidade e desigualdade. *Revista Gênero e diversidade na escola: formação de professores/as em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SP, 2009. p.13-15.

CURRICULO PAULISTA, *SEDUC/ Undime SP*. São Paulo: SEDUC/SP, 2019.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei 9394/96, de 23 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 1996.

DEUS, A. M; MENDES, B. M. M. Formação de professores: valorizar e ater-se ao essencial do currículo e da prática pedagógica. In: MENDES SOBRINHO, J. A. de C; LIMA, M. da G. S. B. *Formação, prática pedagógica e pesquisa em educação: retratos e relatos*. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 133-151.

EMEDIATO, C. A. Educação e transformação social. *Revista Análise Social*, Lisboa v. 14, n. 54, 1978, p. 207-217.

LUNA, S. V. de. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*/ LUNA, S. V. São Paulo: EDUC, 2003, p. 1-116.

MELO, J. M. S. *História da Educação no Brasil* (2a ed.). Fortaleza: UAB/IFCE, 2012.

MELLO, G. N. *Currículo da Educação Básica do Brasil: concepções e políticas*. 2014. Disponível: [https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2017/08/guiomar\\_pesquisa.pdf](https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2017/08/guiomar_pesquisa.pdf) Acesso em set. 2023.

MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa, 1978.



ÁGOR@  
ISSN - 2447-8377

REVISTA ACADÊMICA DE  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES



PEREIRA, E. P. C; ELY, V. D. O supervisor na escola reflexiva: Gestão-Formação-Ação. *Revista Faculdade de Educação*, v.5, n.6, 2006 p. 143-154.

RODRIGUES, D. S. *O professor reflexivo*. 2016. 34p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2016.

RAMALHO, L. S. Diversidade Cultural na Escola. *Revista Diversidade e Educação*, Rio de Janeiro, v.3, n.6, 2015, p. 29-36.

ROSSATO, M; et al. A subjetividade do professor e sua expressão nas ações e relações pedagógicas. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 34, 2018, p. 01-20.

SANTOS, I. A. *Educação para a Diversidade: Uma prática a ser construída na Educação Básica*. 2008. Disponível em:  
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf> Acesso em: 09 de set 2023.

SILVA, G. O. V. Capital cultural, classes e gênero em Bourdieu. *Cad. Prog. Pos-Grad. Ci. Inf*, v.1 n. 2, 1995, p.24-33

Recebido em: 03/02/2024

Aceito em: 10/07/2024